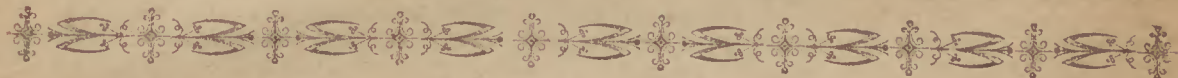




PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES DIRIGIDA POR

José da Silva Vieira



BARCELLOS

Secção folk-lorica

A NOITE DE NATAL

EM

CADIZ

O catholicismo hespanhol perdeu, pelo menos na Andaluzia o caracter sombrio que entenebrece as pinturas de Zurbaran. Distingue-o principalmente a mistura do sagrado com o profano. As lampaças dos nichos das casas particulares allumiam ao mesmo tempo as imagens e as namoradas, que assomam da noite ás janellas. O assassino, antes de esfaquear o proximo, resa um Padre Nosso, para que o Senhor o favoreça na empreza. Ao lado da praça de touros ergue-se o oratorio destinado a prestar os confortos da religião aos toureiros moribundos. O padre, que acabou de applaudir no circo o matador de espada, ungil-o-ha momentos depois, com os santos oleos.

Outra paixão do genio religioso de Hespanha é a abundancia de milagres attribuidos prodiosamente a todos os santos e santas da côrte celestial.

Que *imbroglios* melodramati-

cos entretecidos pela musa popular!

A poesia e a fé, dando-se as mãos, desentranham-se em ficções.

A auctora santa do milagre reveste-se de uns longes de malicia innocente, que a confunde com uma protagonista de zarzuela.

N'uma das povoações marginaes da bahia de Cadiz conta-se, por exemplo, que uma Nossa Senhora, alli devotamente festejada, castigara, conforme vamos narrar, o feio peccado cometido por uns embarcadiços de Sevilha.

Tinham estes feito certo voto solenne á Senhora, vendo-se em perigo iminente de naufragarem na foz de Gualdaquivir. Mas, perigo passado, voto olvidado! O barco safou-se do escolho.

—D'outra vez, compriremos o voto!—disseram entre si o arcaes e tripulantes, afastando-se dos cachopos, até que entraram a barra são e salvos.

Toda aquella noite navegou rio acima a embarcação, sem que ninguem de bordo desse vista das immedições de Sevilha.

E' quasi manhã. O sol não tardará que rompa das sombras que precedem o diluculo matutino. De bordo apenas se descobrem as vagas planuras do oceano, sem que de lado algum os mais tenues contornos de terra limitem!

O piloto pragueja, rala-se de afflicção; o mestre, o homem do leme esmorece como cão de a-

gua, que não vê o perdido. Cravam-se os olhos de toda a tripulação no rumo da cidade, procurando entrever as grimpas da torre da Giralda, quando apoz largas horas de anciedade e de terror se acham fóra da barra, a qual, omo dissemos, haviam entrado na vespera.

Entretanto —oh prodigio!— a crescer, a adiantar-se para o barco ia o comprido promontorio de rochas, aonde tem sua ermida a Senhora, á qual os ingratos mareantes, haviam recusado a promessa feita em horas de amargura,

Estes milagres são tantos como as areias do mar. Contaremos apenas outro, em duas linhas.

De uma vez, largou do ancoradouro de Cadiz uma nau ingleza. Bordeja por diante da ermida da Virgem. Como cães de protestantes que eram, aquellos herejes o que não de fazer? Atiram á santa da capelinha uma bomba de artilheria! Ai, o que vós fizestes! Com lingua de palmo o pagareis, mofinos, perros tinhosos de Belzebut! E vae a Senhora muito subtil e tão mansinha como uma pomba, e com as suas mãosinhas delicadas levanta do chão uma das balas disparadas pelos herejes e—zás—reenvia impregnada de materias combustiveis á negregada nau, reduzindo-a a um monte de chamas!

Não se sente n'estas fabulas piedosas a inspiração do genio dramatico hespanhol?

Outras vezes o milagre tinge

se de colorido das lendas e en-gasta-se—joia santa—no relicario poetico da gerações.

Ao genio nebuloso, mystico, austero, castamente idealista do Norte contrapõe-se o genio expansivo, folgasão, apaixonado, sensual da raça peninsular, da qual a Andaluzia é expressão culminante.

Esse temperamento de ebullição e de febre transportam-n'os andaluzes para as coisas da religião, o por isso folgam nos arraiaes, vozes nas romárias, dondejam nas procissões, e diliram na folia na noite de Natal.

*

* *

N'essa noite unicamente em Cadiz respira festa. A população inteira anda na rua. A luz profusa das lojas e cafés acescem os lumes devotos da lampedas, nichos e oratorios.

A religião abre um parenthe-sis ao jejum. A gastronomia andalusa celebra o nascimento do Salvador com os seus mais appetitosos acepipes.

O incenso dos turibulos mistura-se com as emanações rancidas do azeite das trituras. O arraial torna-se o vestibulo culinario da igreja.

D. Basilio, com o seu chapéu tipico, volteia na onda popular, trepidando seraficamente debaixo da sotaina preta, ao doce contacto d'uma mulher galante, que ro-gou com as rendas fluctuantes da mantilha.

Valencianos de cabellos loiros e olhos negros de amora: *manchegos* de saio romano, tipo da orgulhosa raça castellana; *gitanos* de tez acobreada, olhar faiscante e sinistro; vascongos amestrados no contrabando das lãs de Aragão e das Castellas; arrieiros de Chiclana com os cabellos atados por lenços de cores alegres, e o sombreiro, sobroposto de abas largas! *malaguenas* esbeltas e arrogantes acostumadas a beber *Manzanilla*, e a fumar *papelitos*, rogando pragas como arrieiros e jogando navalhas como catalães; *maioraes* dos carros de Chiclana envoltos em cobrejões de ricas; *magos e gaditanas*, de Triana e do Porto de Santa Ma-

ria, perpassem em magotes rindo toliando em descantes. Dir-se-ia uma torrente bulçosa e irrequeita de alamares, de fachas de seda, de franjas, de filagranas e torças, de leques e mantilhas, de mantas e cobrejões a collear a enfumecer, a despraiar pelas ruas e praças de Cadiz.

*

* *

Toda esta multidão tumultuosamente alegre converge para as imediações da igreja de Nossa Senhora do Rosario. Em redor e pelo meio do terrado da igreja prolongam-se as barracas, alumia-das por candeias e luzes encerradas em toscos balões de papel onde n'um mosaico imenso de pastilhas e confeitos multicores, se acumulam inumeras variedades de especiones, bolos, queijadas e rebuçados.

N'um segundo plano crepitam os fogos de cozinhas portateis onde se improvisam guisados de uma monotonia boçal.

Reduzem-se todos elles a fragmentos de carne, ou de peixe, boiando n'um oceano de azeite—semeados de archipelagos vermelhos de pimentão e colorau. O colorau é a alavanca com que o cozinheiro andaluz—Archimedes do avental—levanta um mundo desconhecido de ignarias.

A malagueta—digamol-o de passagem—é o *Deus ex-maquina* dos saineiros de refogado. Com a intervenção d'ella resolvem-se quaesquer dificuldades nas peripicias que tenham por teatro a panela ao lume.

Certos guisados andaluzes pertencem á familia das lamparinas; como estas, nadam constantemente em azeite. O pimentão, esse, sendo empregado em larga escala, ao cabo de algum tempo, pode endurecer-nos a lingua com a insensibilidade dos tijolos refractarios.

Voltando ao arraial por de traz das barracas, n'uma larga penumbra, aos reflexos fantasticos das labaredas dos fogareiros e das lanternas abrigadas por papeis de côres, ouvem-se os guinchos, em tom nasal, das gaitas de folles repicam as castanholas, arpejam

as guitarras, as *seguidillas* e descantes succedem-se como ao des-safio.

A cidade transforma-se em uma serie continuada de mercados ao ar livre. As lojas abertas até alta noite despedem golfadas de luz.

Vendilhões ambulantes de bolos e de broas estão de sentinella ás mesas portateis, onde aquellas gulosemas se empilham á claridade de cotos de velas obrigadas por grosseiras tulipas de papel.

A cada instante orquestras de pandeiros invadem em chusma as habitações particulares com uma ferocidade filarmónica verdadeira-mente endiabrada.

Aproxima-se a meia noite. Tocam os sinos nos campanarios. As ondas da multidão engolfam-se pelas arcarias e porticos dos templos. Os sons do organ preludiam a commovente commemoração do Natal.

Concluido o acto religioso, infiltra-se de novo e derrama-se em meandros pelas ruas e travessas, o rio transbordante da população. Começam então as ceias em familia, banquetes em que o coração e o estomago por igual se dilatam.

Pouco e pouco vão-se extinguindo os fachos e lanternas que poucas horas antes rascavam de claridade o delado das travessas e enersilhadas.

Vão affrouxando as convulsões estridulas de castanholas e pandeiros. Os fogos do vasto arraial amortecem-se e somem-se nos limbos da noite. Todos os rumores emudecem áquella hora adiantada, menos os murmúrios do mar, que cinge Cadiz com uma larga facha azul, de um e outro lado da estreita lingua de terra que pèga ao continente a formosa cidade andaluza. Esta, vista do mar, surge diante da rós como uma ilha de alabastro, presa á terra por um fio apenas visível de prata.

V. DE BENALCANFOR.

P. L. M.

Locuções populares

Tres é a conta que Deus fez—Sete o Diabo que te espete.

O «poder dos numeros» liga-se ao culto sideral. Pelo que hoje se sabe dos cultos magicos da Chaldæa, toda a hierarchia demonologica era representada por, «numeros» não só nas imprecções como nas especulações theologicas. Diz Lenormant: «Em virtude d'estas especulações cada Deus era designado por um numero inteiro na serie de 1 até 60, correspondendo á sua cathogoria na hierarchia celeste: um dos tijolos da bibliotheca de Ninive dá a lista dos deuses principaes, cada um com o seu numero mythico. Parece que a par da escala de numeros inteiros applicados aos deuses, havia uma escala de numeros fraccionarios applicados aos demonios, e assim correspondendo á cathogoria reciproca. Nas formulas numericas da tradição popular o valor da imprecção reside na passagem de um inteiro para outro inteiro; e a enumeração em ordem «inversa e descrecente» liga-se ao sentido da demonologia chaldaica, pois os espiritos malignos «movem-se e obram assim ás avessas do curso natural das cousas e do movimento regular dos astros.»

(*La Magie chez les Chaldæens*; p. 24.) Aos sete deuses dos planetas que governam o universo, a theologia chaldaica oppoz-lhes os «sete fantasmas de chammãs», de que os nossos «sete pecados mortaes» são ainda uma allegorisação. Em uma imprecção chaldaica, das publicadas por Norris e Bawinson, se diz: «Tu que és conhecido das acções dos. «Sete»;

ensina-nos os logares em que elles habitam».—Meu filho, os «sete», habitam a terra; os «sete», que nascem da terra; os «sete» que se metem pela terra; abalam as muralhas do abysmo das aguas».

Aqui temos o numero a converter-se em uma entidade domoniaca, o povo portuguez tambem diz: «Tres» é a conta que Deus fez» e contrapõe: «Sete», o diabo que te espete».

P. L. M.

Jean Richepin

O dr. Ricardo Jorge, n'um estudo sobre D. Affonso VI, escreve:

E formado o grupo, *la bête à deux dos*, segundo a imagem animal do implacavel Richepin. . . . —

A phrase não è de Richepin; è uma locução popular da França, cuja origem se ignora. Richepin aproveitou-a. como já antes d'elle muitos escriptores a tinham aproveitado.

Convém fazer esta rectificação. para não deixar pegar a moda de attribuir a Richepin creações que elle não fez. Ha tempos, correu toda a imprensa portugueza, entre exclamações admirativas, a canção da *Glu*; essa canção referia a immensidade do amor maternal na seguinte ficção:

Uma rapariga exige do seu namorado que vá matar a mãe, e lhe leve como prova o coração da morta. O namorado vae praticar o matricidio, arrancar o coração ao cadavel corre atravez dos campos ao encontro da sua amante. Más

na corrida tropeça o coração cae com elle. E no silencio nocturno, o matricida ouve uma voz,—a voz do coração da sua mãe,—perguntar-lhe carinhosamente:

T'as tu fait d'mal, mon enfant?

Tambem isto não era de Richepin senão na forma,—que pouco valor tinha. A idea que todos os jornaes portuguezes levanamente attribuiram a Richepin, era antiquissima. Existe n'uma lenda popular que corre em França e em Portugal Foi á tradição popular do seu paiz que Richepin pediu a idéa da sua canção da *Glu*, assim como qualquer poeta portuguez poderia pedir-a para um trabalho identico á lenda nacional, —sem por isso se lhe outorgarem honras extraordinarias de creador.

ANNUNCIOS

O
MINHO
PITTORESCO

POR

José Augusto Vieira

Esplendida edição adornada com mais de 300 desenhos de João d'Almeida, paisagens typos populares, povoação, obras d'arte, monumentos- etc.) gravado pelos mais celebres artistas nacionaes estrangeiros; magnificas estampas em chromo a 12 cores, representando costumes — e 6 mappas da provincia (geologico-hydrographico e dos arvoresdos e terrenos ir cultos, e chorographicos dos districtos de Vianna, Braga e Porto) expressament gravados.

Publicação quinzenal em fasciculo com capa, 200 rs. em Lisboa, Porto e cidades do Minho, 220 reis em qualquer ponto de paiz.

Com um brinde a todos os assignantes no fim da obra.

Editor: Antonio Maria Pereira Livraria, rua Augusta 50 a 52, Lisboa.

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO

Este «Boletim» comprehende, além de actas e mais documentos officiaes da Sociedade de Geographia, algumas das suas e muito interessantes conferencias feitas na mesma sociedade pelo illustre africanista dr. Francisco Antonio Pinheiro e muitos outros documentos interessantes, como se acha explicado no prospecto desta publicação.

Junto com cada numero do «Boletim» sahe uma folha, com paginação á parte para formar volume distincto «os Diarios de Silva Porto» um portuguez que ha mais de trinta annos tem vindo a causa da civilisação no interior Africa. Estes «diarios» são até ao presente inéditos, e d'um interesse palpavel.

O «Boletim» publica-se por series de numeros, com 48 paginas cada um em formato 8.º grande. Sahirá um numero por mez.

Preço da assignatura por cada serie (paga adiantada)

Para os effectivos da Sociedade	500 reis
Para os outros assignantes	1500 »
Numero avulso	200 »

LIVRARIA PORTUENSE, EDITORA

Rua do Almada 123. Porto
Recel em 52 assignaturas.

P. L. M.

DAVID CORAZZI - EDITOR
Rua da Atalaya, 52 - Lisboa

OS INVISIVEIS DE LISBOA

Grande romance em 6 volumes original de Gervasio Lobato e com Victor desenhos de Mal de Macedo executados pelo processo Igno Eberle e pelo processo Gillet, publicação serial ás cadernetas de 48 paginas, pelo preço de 60 reis!

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO
Cada folha de 8 paginas, 10 reis—Cada estampa, 10 reis—As para brochura GRATIS.

O romance OS INVISIVEIS DE LISBOA, compõe-se de 6 volumes de regulares dimensões.

Lisboa. — Cada semana serão tiradas seis folhas de oito paginas em 8.º francez ou cinco fo-

lhas e uma estampa pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. — Provincias A assignatura será paga adiantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo franco de porte contendo doze folhas de oito paginas ou onze fo-

lhas e uma gravura.

A remessa de cada fasciculo para a provincia é feita de duas em duas semanas.

Assigna-se em Lisboa na casa editora de David Corazzi, 40 rua da Atalaya, 52.

Notas Romanticas

EDITOR = FRANCISCO N. COLLARES

LISBOA, rua da Atalaya, 18 -- PORTO, rua de Santo Ildefonso, 8

A ALCOVA DAS PRINCEZAS E RAINHAS

Grande romance historico por **JULIO BAUJOINT**

Tradução de J. G. Costa

Scenas escandalocas da vida de diversas princezas e rainhas. —

10 reis cada folha de 8 paginas — Estampas 10 reis — 50 reis semanais por 5 folhas ou 3 e uma estampa.

Brimas aos angariadores de 6 a 10 assignaturas.

No Porto assigna-se em todas as livrarias.

LIVRARIA PORTUENSE — EDITORA

Rua do Almada, 123 — Porto

VICTOR HUGO

NOSSA SENHORA DE PARIS

Tradução portugueza de Aranzo Cruz

Edição illustrada de primorosas gravuras desenhos de

A. SILVA

Condições da assignatura:

A obra constará de sete volumes formato 32, contendo cada um pelo menos 128 paginas de texto, duas gravuras e uma primorosa capa lithographada pelo modico preço de 100 reis cada volume.

Nas localidades onde a empresa não tenha correspondentes, o pagamento é feito adiantadamente, ás series de seis ou mais volumes.

A distribuição de cada volume é feita nos dias 15 e 30 de cada mez. Os pedidos de assignaturas devem ser feitos á

Casa Editora — SOUSA & C.ª

12 — Rue das Oliveiras — 12